

25th Session of the Committee on Forestry (COFO)

BRAZIL'S GENERAL STATEMENT (a Portuguese version follows the English one)

This year, the session of the Committee on Forestry takes place during a dramatic world health crisis. We have reached the tragic threshold of 1 million deaths caused by the new coronavirus and we would like to take this opportunity to express our heartfelt condolences to the families who have lost their loved ones over this year.

The pandemic has affected all of our lives, radically changing our professional and personal plans. On the international scene, several negotiations had to be suspended, postponed or adapted. The "Biodiversity Super Year" has also been postponed. Nonetheless, national efforts for the environment have not stopped.

Brazil is engaged in combating illegal deforestation and the criminal activities that cause environmental degradation. We are determined to consolidate the environmental achievements we have accomplished over the past decades, during which the annual forest cover loss in our country has decreased from 3,95 million hectares in years 2000 to 2010 to 1,5 million hectares in years 2010 to 2020. Brazil has also achieved expressive growth regarding planted forests. Today, we have approximately 10 million hectares of planted forests, and 15 million hectares are comprised of integrated crop-livestock-forestry systems.

Within the scope of the Aichi Targets, Brazil has protected 30% of its territory, which accounts for 250 million hectares. Due to our strict Forest Code, landowners also contribute to the protection of forests, encompassing more than 200 million hectares of native vegetation.

Our conservation efforts cannot be decoupled from sustainable use activities, which generate income, provide food security and promote human well-being, in accordance with national priorities and specificities. National efforts to increase agricultural production, implement agroforestry systems, sustainably manage forests and promote the bioeconomy go in the direction of balancing the three dimensions of sustainable development, according to national priorities and specificities. The context of the pandemic poses additional challenges and will demand adequate economic incentives so that we can offer alternatives to traditional practices based on the depletion of natural resources. By doing so, we will be able to turn forests into a driving force for sustainable development.

Brazil is the largest net food exporter in the world, using only 30% of its territory for farming. This is the result of decades-long investments in scientific knowledge and environmental conservation, with a view to prioritizing sustainability and productivity growth.

We have also achieved promising results regarding the development of forest value chains, which generate income and secure families' livelihoods, while maintaining forests. The major non-timber forest products, such as açai, mate herb, carnaúba and Brazil nuts, already account for BRL 1,5 billion a year. Furthermore, we are providing incentives to foster Sustainable Forest Management in Public Forests and support Community and Family Forest Management, which is carried out by traditional communities, indigenous people, family farmers and land reform settlers.

As a step further in strengthening the sustainable use of forests, we are implementing the National Forest Inventory, in order to monitor Brazilian forest biodiversity and collect data on forest species, their composition and stock.

The same digital technologies that allow us to convene this session of COFO are the ones that will enable ongoing increases in the productivity and sustainability of agriculture and forest management. That is the reason why we very much welcome the launching of the International Platform for Digital Food and Agriculture.

Any discussion on the sustainability of the economic recovery post COVID-19 inevitably needs to take into account ways to value forests, their ecosystem services and the jobs and knowledges that rely on them. Addressing this challenge requires not only the development of policies that promote sustainable practices, but also the provision of means of implementation, such as adequate capacity building and financial support. In the face of the economic consequences of the pandemic, the full effects of which are yet unknown, we are convinced of the importance of innovative economic mechanisms that value the local communities engaged in the preservation of forest resources, such as the payment for ecosystem services. Regulating ecosystem services markets as well as fostering good valuation and monitoring practices are relevant steps to engage the private sector and international partners in resource mobilization, especially for developing economies, which have been the most affected by the world health crisis.

Thinking about the world during and after the pandemic also requires acknowledging the central role of free trade for food and nutritional security. Brazilian efforts to sustain its food production and coordinate with its regional partners have provided benefits for millions of people who work directly or indirectly in those activities and for consumers of those products in Brazil and across the world. Free trade increases food supply in the world, providing people with abundant, diverse, safe and quality products every day.

Finally, we highlight the importance of international cooperation, which has become clear as we face the pandemic. Over the last decade, we promoted several partnerships to transfer technology that is employed to analyze and monitor tropical forests to African and Southeast Asian countries. In the Amazon region, the standardization of monitoring results through the Amazon Cooperation Treaty Organization has been producing excellent results. Those partnerships, which engage countries and organizations across the world, need to be expanded and diversified, thus ensuring financial, human and technological resources commensurate with the challenges that lie ahead, in the upcoming decades. FAO will definitely play a major role in this context.

INTERVENÇÃO INICIAL DO BRASIL

A reunião do Comitê de Florestas nesse ano ocorre durante uma grave crise sanitária mundial. Atingimos a triste marca de 1 milhão de mortos pelo novo coronavírus e gostaríamos de expressar nossas sinceras condolências às famílias que perderam seus entes queridos ao longo desse ano.

A pandemia afetou todas as nossas vidas, mudando radicalmente planos pessoais e profissionais. No cenário internacional, diversos processos negociadores tiveram que ser suspensos, adiados ou adaptados. O "Super Ano" da biodiversidade também foi postergado, mas os esforços nacionais em prol do meio ambiente não pararam.

O Brasil está empenhado no combate ao desmatamento ilegal e às atividades criminosas que degradam os ecossistemas. Queremos consolidar os ganhos obtidos nas últimas décadas, quando a perda florestal anual no país caiu de 3,95 milhões de hectares em 2000-2010 para 1,5 milhões de hectares em 2010-2020. O Brasil também obteve expressivo crescimento da área de florestas plantadas. Atualmente, temos aproximadamente 10 milhões de hectares de florestas plantadas e 15 milhões de hectares de sistemas de integração Lavoura-Pecuária-Floresta.

No âmbito das Metas de Aichi do Plano Estratégico de Biodiversidade da CDB, conseguimos alcançar 30% de proteção do nosso território, o equivalente a 250 milhões de hectares. Devido a nosso rigoroso Código Florestal, as propriedades privadas no Brasil também contribuem para a proteção das florestas, abrigo mais de 200 milhões de hectares de vegetação nativa.

Os esforços de conservação não podem ser separados das atividades de uso sustentável dos recursos naturais, gerando renda, segurança alimentar e bem-estar humano. Esforços nacionais para o aumento de produtividade agrícola, implementação de sistemas agroflorestais, manejo sustentável de florestas e promoção da bioeconomia vão na direção de equilibrar as três dimensões do desenvolvimento sustentável, dentro do contexto das prioridades e especificidades nacionais. A conjuntura da pandemia impõe novos desafios e exigirá incentivos econômicos adequados para que possamos oferecer alternativas às práticas tradicionais de utilização exaustiva dos recursos naturais e, dessa forma, transformar as florestas em elemento catalisador do desenvolvimento sustentável.

O Brasil é o maior exportador líquido de alimentos do mundo, utilizando apenas 30% do território para a agropecuária. Esse é o resultado do investimento de décadas em conhecimento científico e conservação ambiental, priorizando a sustentabilidade e o aumento da produtividade.

Temos também promissores resultados no desenvolvimento de cadeias produtivas florestais, que geram renda e garantem a manutenção das famílias e das florestas. As principais cadeias de produtos florestais não madeireiros, como as do açaí, da erva-mate, da carnaúba e da castanha-do-pará, já respondem por mais de 1,5 bilhão de reais por ano.

Estamos incentivando também o Manejo Florestal Sustentável em Florestas Públicas e o Manejo Florestal Comunitário e Familiar, realizado por comunidades tradicionais, indígenas, agricultores familiares e assentados no programa nacional de reforma agrária.

Como mais um passo nesse processo de uso sustentável da floresta, estamos elaborando o Inventário Florestal Nacional, com vistas a monitorar a biodiversidade florestal brasileira e gerar dados sobre as espécies florestais, sua composição e estoque.

As mesmas tecnologias digitais que nos permitem realizar essa reunião do COFO são as que permitirão o aumento contínuo da produtividade e da sustentabilidade na agricultura e no uso da floresta. Por essa razão, vemos com muito bons olhos o lançamento da Plataforma Internacional para a Agricultura e Alimentação Digital.

Qualquer discussão sobre a sustentabilidade da retomada econômica pós COVID-19 deve necessariamente contemplar a valorização das florestas, de seus serviços ecossistêmicos e dos

empregos e conhecimentos que dependem delas. Enfrentar esse desafio requer não só o desenvolvimento de políticas que promovam práticas sustentáveis, mas também o provimento de meios de implementação, como capacitação e financiamento adequados. Diante das consequências econômicas da pandemia, cuja extensão ainda não se conhece, estamos convencidos da importância de instrumentos econômicos inovadores que valorizem as comunidades locais engajadas na preservação dos recursos florestais, como o pagamento por serviços ecossistêmicos. Regulamentar o mercado de serviços ecossistêmicos e fomentar boas práticas de valoração e monitoramento desses serviços representam etapas importantes para engajar o setor privado e parceiros internacionais na mobilização de meios de implementação, em especial nas economias em desenvolvimento, que têm sido as mais afetadas pela crise sanitária mundial.

Pensar o mundo durante e após a pandemia requer reconhecer também o papel central do livre comércio para a segurança alimentar e nutricional. Os esforços brasileiros para manter sua produção agrícola e coordenar-se com os países da região geraram benefícios para milhões de pessoas que trabalham direta e indiretamente nesses setores e para os consumidores desses produtos no Brasil e no mundo. O livre comércio aumenta a oferta de alimentos no mundo, colocando diariamente na mesa das pessoas produtos abundantes, diversos, seguros e de qualidade.

Por último, destacamos a importância da cooperação internacional, tão evidente no atual momento de enfrentamento da pandemia. Na última década, realizamos diversas parcerias para a transferência de tecnologia de análise e monitoramento de florestas tropicais na África e no Sudeste Asiático. Na região amazônica, a harmonização dos resultados de monitoramento por meio da OTCA tem obtido excelentes resultados. Essas parcerias, que envolvem países e organizações de todo o globo, precisam ser ampliadas e diversificadas, garantindo os recursos financeiros, humanos e tecnológicos compatíveis com os desafios que nos esperam nas próximas décadas. A FAO terá, sem dúvida, um importante papel a exercer nesse contexto.